

---

## MARCOS DA CRIAÇÃO DO CAMPO DA MUSICOTERAPIA NO PARANÁ: 50 ANOS DA AMT-PR

*Milestones of the creation of the Music Therapy field in Paraná: 50 years of AMT-PR*

*Hitos de la creación del campo de la musicoterapia en Paraná: 50 años de AMT-PR*

*Noemi Nascimento Ansay<sup>1</sup>*

---

**Resumo** - O XXII Fórum Paranaense de Musicoterapia, em comemoração aos cinquenta anos da Associação, trouxe as musicoterapeutas Jonia Maria Dozza Messagi e Camila Siqueira Gouvêa Acosta Gonçalves como palestrantes para apresentar sua história. Essas musicoterapeutas organizaram a tarefa em duas partes: Jonia com relato dos primeiros trinta anos e Camila com os vinte anos seguintes nos brindando com um resgate histórico significativo e pulsante. Esta entrevista tem como objetivo registrar o relato da Musicoterapeuta Jonia Dozza Messagi e os marcos da criação do Campo da Musicoterapia no Paraná. Na sequência apresentaremos a entrevista com a Musicoterapeuta Camila Siqueira Gouvêa Acosta Gonçalves. Jonia é Licenciada em Educação Artística- Habilitação em Música, pela FEMP (1977). Especialista em Musicoterapia pela FEMP (1979). Graduada em Musicoterapia pela FEMP (1990). Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1997) e professora aposentada da UNESPAR.

**Palavras chave:** marcos históricos, AMT-PR, musicoterapia

**Abstract** - The XXII Music Therapy Forum of Paraná, in commemoration of the fifty years of the Association, brought the music therapists Jonia Maria Dozza Messagi and Camila Siqueira Gouvêa Acosta Gonçalves as speakers to present their history. These music therapists organized the task in two parts: Jonia with a report of the first thirty years and Camila with the following twenty years, offering us a significant and pulsating historical rescue. This interview aims to register the report of music therapist Jonia Dozza Messagi and the milestones of the creation of the Music Therapy Field in Paraná. In the sequence we will present the interview with the Music Therapist Camila Siqueira Gouvêa Acosta Gonçalves. Jonia has a degree in Artistic Education - Music, from FEMP (1977). Specialist in Music Therapy from FEMP (1979). Graduated in Music Therapy by FEMP (1990). Master in Education from the Pontific Catholic University of Paraná (1997) and retired professor from UNESPAR.

**Keywords:** historic milestones, AMT-PR, music therapy

**Resumen** - El XXII Foro de Musicoterapia de Paraná, en conmemoración de los cincuenta años de la Asociación, trajo a las musicoterapeutas Jonia Maria Dozza Messagi y Camila Siqueira Gouvêa Acosta Gonçalves como ponentes para presentar su historia. Estos musicoterapeutas

---

<sup>1</sup>Musicoterapeuta graduada pela FAP, Mestre e Doutora em Educação, Docente no Colegiado de Musicoterapia da Unespar/FAP e atual Diretora do Campus de Curitiba 2 FAP.

organizaron la tarea en dos partes: Jonia con un informe de los primeros treinta años y Camila con los veinte años que siguieron, ofreciéndonos un significativo y palpante rescate histórico. Esta entrevista tiene como objetivo registrar el informe de la musicoterapeuta Jonia Dozza Messagi y los hitos de la creación del Campo de la Musicoterapia en Paraná. A continuación presentamos la entrevista con la musicoterapeuta Camila Siqueira Gouvêa Acosta Gonçalves. Jonia es licenciada en Educación Artística - Música por la FEMP (1977). Especialista en Musicoterapia por la FEMP (1979). Licenciada en Musicoterapia por la FEMP (1990). Maestra en Educación por la Pontificia Universidad Católica de Paraná (1997) y profesora jubilada de UNESPAR.

**Palabra clave:** hitos históricos, AMT-PR, musicoterapia

---

**Noemi - Em sua participação no XXII Fórum de Musicoterapia do Paraná – 50 anos da AMT-PR você apresentou os marcos da criação do campo da Musicoterapia no Paraná, bem como fatos e pessoas que se destacaram e de certo modo construíram uma ponte para o crescimento da musicoterapia e da AMT-PR. Você pode falar sobre isso para nós?**

**Jonia -** Trabalhar com história e com memória é prazeroso, mas não é uma tarefa fácil porque é um campo muito amplo que inclui sensações, sentimentos, fatos, reminiscências, atitudes e diz respeito a uma história particular que é a minha, mas também um fato social, construído coletivamente e que está sujeito ao contexto no qual está inserido.

Então, este é o relato da minha percepção de um momento da história que vivi e busquei compreender. E é pelas minhas memórias que reflito sobre a história do coletivo, o que faz com que me sinta, de alguma forma, representativa de uma instituição que hoje é o Campus de Curitiba II, FAP – Unespar<sup>2</sup> mas foi-se constituindo em ordem decrescente como FAP, FEMP<sup>3</sup> e Escola de Canto Orfeônico.

Começo pontuando algum marcos considerando de início que houve conflitos entre as instituições coirmãs – Escola de Canto Orfeônico, que preparava o professor de música para as escolas primárias e secundárias e a Escola de Música e Belas Artes que formava o artista. Ou seja, havia duas instituições que trabalhavam com a música, ambas eram mantidas pelo Estado o que, segundo os gestores, gerava muito gasto e questionamentos do porquê manter duas escolas de música. Ressalto que neste momento não eram consideradas as diferentes características e finalidades dos cursos. Isso fez com que ambas empreendessem embates políticos e buscas de apoio para garantir não só a sobrevivência institucional, mas a legitimidade de cada campo do conhecimento musical que as caracterizava.

A noção de campo em Bourdieu, como espaço de embates, por meio de correlação de forças, lutas, internas ou externas, onde práticas específicas buscam a sua

---

<sup>2</sup> Faculdade de Artes do Paraná (FAP); Universidade Estadual do Paraná (Unespar);

<sup>3</sup> Faculdade de Educação Musical (FEMP);

legitimidade, a sua autonomia, seja cultural ou institucional, nos ajudam a entender como a história dessa Instituição foi sendo construída.

Essas lutas pela legitimidade, pela autonomia da cultura musicoterápica em relação ao campo da Música, permearam a existência da nossa instituição, ou seja, nós nascemos de uma luta pela sobrevivência e pela legitimidade de uma cultura, de uma prática que mesmo incipiente, enfrentando dificuldades, foi se desenvolvendo e se fortalecendo.

É importante frisar que por meio da Lei Estadual número 5463 , de 3 de Janeiro de 1967, aconteceu a criação da Licenciatura em Música. Essa lei ampliava a carga horária das Escolas de Canto Orfeônico transformando-as em graduação. Nesse momento, pela iniciativa da Professora Clotilde Leinig surge a ideia da Musicoterapia como um curso específico. Deve-se resgatar o fato de que a gênese dessa ideia está em 1952, quando a referida professora realizou uma especialização em Canto Orfeônico no Rio de Janeiro e cursou a disciplina Terapêutica pela Música.

Cabe aqui reforçar o papel da protagonista desta história, Professora Clotilde Leinig: mulher inteligente, sensível, guerreira e visionária que intuiu já naquela época a força da transformação que a arte pode empreender, tanto nos aspectos pedagógicos, quanto terapêuticos dentro dos espaços educacionais e sociais.

Professora Clotilde que sempre teve o desejo de criar o curso de musicoterapia, ao mesmo tempo em que organizava a licenciatura em música, estruturou também o curso de musicoterapia. Ressalte-se que neste momento ela não conseguiu autorização para a graduação em musicoterapia, mas foi permitida uma Especialização com disciplinas, desde que constassem do currículo de um curso de graduação, no caso aqui, a disciplina Terapêutica pela Música que fazia parte do currículo da Licenciatura em Música.

Como não havia experiência pedagógica em musicoterapia no Brasil, a professora Clotilde foi aos EUA, com auxílio da Associação Nacional de Musicoterapia daquele país da qual ela já era membro. Por meio de estágios em algumas Universidades, pode observar a prática em hospitais e coletar tanto material empírico, quanto bibliográfico. Assim, foi criado o Curso de Especialização em musicoterapia, com 1.500 horas incluídas 360 horas de estágio. O curso funcionou de 1971 a 1980.

**Noemi - Com a chegada da Especialização em Musicoterapia na Faculdade, quais foram os avanços no meio acadêmico e na sociedade?**

**Jonia** - O curso foi recebido com muita alegria e expectativa pela sociedade. Houve forte adesão da área médico/hospitalar principalmente da psiquiatria. Mas sempre existia a dúvida e um certo ceticismo por parte de alguns médicos em relação à validade da experiência terapêutica com a música.

Essa incerteza de certa forma caracteriza a emergência de um novo campo, de uma ciência que precisa legitimar um conhecimento específico, com propostas de atuação numa dada área e que espera a credibilidade da sociedade. Cabe ressaltar que todos os esforços se concentraram em legitimar a musicoterapia como prática científica.

Muitos médicos e psicólogos importantes aliaram-se à professora Clotilde nesta empreitada. Entre esses, cabe destacar o psicólogo Elísio Mosca de Carvalho. O Dr. Paulo Monte Serrat, psiquiatra muito conceituado, foi professor do curso por muitos anos. Acompanhou de perto a instituição e a evolução do campo da musicoterapia tanto nos aspectos pedagógicos quanto clínicos. Nesse processo várias ações foram desenvolvidas. Uma delas o Centro de atendimento a comunidade merece um aporte especial.

Paralelamente ao Curso de Especialização, professora Clotilde cria um Centro musicoterapêutico de atendimento a comunidade, no interior da Faculdade. Como não havia espaço físico, os atendimentos aconteciam nas salas de aula. A princípio, professora Clotilde atendia e nós alunos auxiliávamos, mas aos poucos fomos assumindo os atendimentos sob sua supervisão. A clientela que buscava os nossos atendimentos normalmente possuía múltiplas deficiências, casos muito difíceis. Foi um grande laboratório de aprendizado. Os atendimentos eram mais individualizados, os atendimentos em grupo aconteciam normalmente nos hospitais psiquiátricos.

Após a euforia inicial com esse contato direto com a prática, começamos a nos deparar com as dificuldades do campo da musicoterapia em seus aspectos teóricos e epistemológicos e de delimitação de finalidades. Faziam-se necessárias explicitações quanto a quem era o musicoterapeuta, que campo era esse ou qual o objetivo efetivo da musicoterapia em relação ao campo clínico.

Nesse momento começam os desafios para legitimar o campo da musicoterapia como prática científica, o que não estava claro na época, já que as áreas do curso eram isoladas, campos distintos da música e da terapia também. Não havia habito da pesquisa na música, área de nossa formação inicial já que não se demandava pesquisa científica para a prática musical.

As discussões mostravam os embates frente ao que era considerado cultura legítima no caso da música e da psicologia pelo termo terapia. O espaço da musicoterapia foi marcado pela luta interna em relação ao poder da Música, como conhecimento instituído, histórico, tradicional e legitimado. Arte, enfim. Houve incompreensão dos músicos que se sentiram prejudicados pelo que consideravam uma apropriação indevida de conhecimentos que lhes eram inerentes como artistas.

A busca pela legitimidade e argumentos para enriquecer a prática nos faziam buscar o saber de outros campos de conhecimento. Era comum fazermos especializações e formação na área da psicologia, principalmente. Também habitualmente buscamos supervisão com profissionais de outras áreas ou até com musicoterapeutas da Argentina onde já havia experiência musicoterápica mais estruturada.

Estávamos em busca de metodologia de trabalho, em busca de fluência na escrita para a transcrição das transformações que aconteciam. As articulações teóricas eram frágeis o que dificultava a visibilidade e a legitimidade de uma prática que sabíamos pelos resultados obtidos, era transformadora, mas necessitada de um embasamento teórico mais consistente.

Existia dificuldade para conseguir bibliografia, tanto em relação à teoria, quanto em relação à prática musicoterapêutica que a princípio era respaldada pelos livros: Tratado de Musicoterapia da professora Clotilde Leinig; Tratado de Musicoterapia de Thayer Gaston, além das produções teóricas do Dr. Rolando Benenzon. Também, os métodos da pedagogia musical que nos municiavam com propostas para um fazer musical nas sessões.

**Noemi - Como foi o processo institucional e legal para o início da Graduação em Musicoterapia no Paraná? Como se constituiu o corpo docente? Quais eram as**

## **principais referências teóricas e parcerias com outros musicoterapeutas naquele momento?**

**Jonia** - Como havia o curso de musicoterapia no Rio de Janeiro em nível de graduação, era coerente que seguissemos o mesmo formato. Então em 1981 a faculdade voltou a luta para conseguir autorização e converter seu curso de especialização em graduação. Em 1983 conseguem a autorização e o curso começa a funcionar nos novos moldes, seguindo a estrutura curricular do curso de Musicoterapia do Conservatório Brasileiro de Música, fixado pelo Conselho Federal de Educação.

Aqui cabe um aparte, a professora Clotilde, respaldada por lei, constituiu uma comissão que organizou um reaproveitamento de estudos, possibilitando aos alunos que haviam feito a Especialização a obtenção da graduação em musicoterapia. Gerando, de certa forma um fato curioso, nós fomos primeiro especialistas e depois graduados em Musicoterapia.

As referências bibliográficas usadas eram praticamente as mesmas usadas na época da especialização, mas agora também com o acréscimo da nossa grande pensadora da musicoterapia, Lia Rejane Mendes Barcellos, com uma substancial produção teórica, enriquecendo o campo da Musicoterapia.

Outra contribuição significativa e que se constitui em um marco teórico importante no curso, foi o livro *Definindo Musicoterapia* de Kenneth Bruscia, (2000) que organiza e aprofunda a compreensão da prática musicoterápica.

A busca por referências bibliográficas e aprofundamentos teóricos foi compartilhada pelos alunos do curso que também possuíam o interesse em fortalecer a Musicoterapia como campo científico e profissional.

Uma dificuldade premente desde o início, em relação ao corpo docente, era a ausência de profissionais formados na área. No início do curso só havia duas musicoterapeutas, professora Cinira Mezzadri e Professora Ivete Amaral Lima Santos, em junho de 1983, com a saída desta professora, eu assumi suas aulas. As carências teóricas e a falta de mais profissionais para discutir e fortalecer o curso através de trocas e ajuda mútua, impediam os avanços que se faziam necessários num momento crucial que era a criação e manutenção de um novo campo de conhecimento. Isso ocorria em parte porque nessa época o Estado não autorizava a realização de concursos.

Outro problema recorrente neste início foi a ameaça de extinção do curso pela baixa adesão de alunos. É importante lembrar que isso ocorre historicamente com as outras áreas da arte.

Em 1986 viabilizou-se um contrato em regime de CLT e a musicoterapeuta Eulide Weibel, passou a fazer parte do quadro de professores. Foi uma aquisição importante porque ela tomou para si a tarefa de procurar justificar a contratação de mais musicoterapeutas como condição para a supervisão direta nos estágios que se fazia essencial.

Neste momento, a Instituição como um todo passa por um movimento de explicitação da demanda de mais professores para a atuação minimamente adequada às finalidades de cada curso. Essa demanda foi atendida e a autorização para concurso de professores vai ocorrer em 1991. Conseguimos duas vagas para professor, tendo sido aprovados os musicoterapeutas Sheila Begiatto e Lydio Roberto Silva.

A partir daí outros desafios foram surgindo, entre os quais as mudanças e aperfeiçoamentos do currículo para o fortalecimento do curso. É importante destacar que as mudanças e atualizações de conteúdos e práticas curriculares, só foram possíveis porque mantivemos ao longo do tempo parcerias com profissionais competentes e qualificados de várias áreas, interlocutores generosos em todos os momentos de dúvidas. E aqui cabe ressaltar os musicoterapeutas do Curso de Musicoterapia do Rio de Janeiro, tais como Cecília Conde, Lia Rejane, Marly Chagas, entre outros, que, ao longo da nossa história, sempre se dispuseram a nos auxiliar e a partilhar seus conhecimentos e experiências conosco.

### **Noemi - Qual a relação entre a Associação de Musicoterapia do Paraná – AMT-PR - e o Bacharelado em Musicoterapia?**

**Jonia** - Neste relato é importante frisar que a história da Associação de Musicoterapia do Paraná e o processo de criação do Curso de Musicoterapia, estão interligados como consequência da luta pela afirmação e legitimação do campo musicoterápico.

Criada em 1971, portanto há 50 anos, a AMT-PR que pode ser considerada uma das mais antigas entidades da Musicoterapia no Brasil. Ressalte-se o papel da

Professora Clotilde Leinig que no momento da criação da Especialização em Musicoterapia, idealiza e põe em prática a Associação. Esta iniciativa decorreu do reconhecimento da importância de uma entidade que desse suporte ao projeto de estabelecimento da Musicoterapia no Paraná, fortalecendo a prática científica, mas especialmente, já buscando estratégias para o reconhecimento da profissão do musicoterapeuta que se instituiu concomitante ao Curso. Evidencia-se, pelo papel que a Associação assumiu desde essa época que a Professora Clotilde com sua experiência de anos de lutas percebia o papel fundamental que esta entidade de classe assumiria para legitimar a área e o profissional que nela atua.

Os incontáveis eventos e ações que a Associação promoveu, através do tempo, em prol do campo e dos profissionais da área podem ser contabilizados na página da entidade na web (<https://amtpr.com.br>). Ressalte-se que aos 50 anos da AMT-PR foi aprovada a Lei estadual nº20.658 em 3 de agosto de 2021 que “Dispõe sobre o programa de incentivo à utilização de Musicoterapia como Tratamento terapêutico Complementar de Pessoas com Deficiência, Síndromes e/ou Transtorno de Espectro Autista”.

### **Noemi - Na atualidade quais os maiores desafios da Musicoterapia no Brasil?**

**Jonia** - Ao longo da história muitos foram os ganhos. Somos hoje uma comunidade que trabalha muito, superamos dificuldade e vencemos embates. Houve um aumento significativo na produção de pesquisas e conhecimentos na área. As articulações teórico/práticas têm consistência e profundidade e sua visibilidade foi possível graças às publicações em periódicos como a Revista Brasileira de Musicoterapia (atual, *Brazilian Journal of Music Therapy*), além de outras revistas dos programas de pesquisa das universidades brasileiras.

No entanto, os desafios continuam. É preciso mais, temos que continuar avançando. Eu termino dizendo que embora tenha usado os termos lutas, embates, força, sobrevivência, eles não tem uma conotação negativa. Essas lutas todas nos fortaleceram e nos impulsionaram para transformações significativas colocando a musicoterapia no importante lugar que ela merece como prática científica para o bem da comunidade em especial na área da saúde.

*Muito obrigada, Professora Jônia, pela entrevista e em nome da Revista Brazilian Journal of Music Therapy agradeço sua importante contribuição ao campo da musicoterapia, como profissional, como docente e supervisora de estágios, como pesquisadora e também como coordenadora de curso de Bacharelado em Musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná. Você faz parte da construção da História da Musicoterapia no Brasil.*